

Metafísica do *Esse*: Anacronismo ou fonte de orientação para a ação humana?

Renato Damasceno Neto¹

Thiago Rocha da Cunha²

Resumo: O objetivo deste trabalho é responder, Metafísica do *Esse*: anacronismo ou fonte de orientação para a ação humana? O ambiente de nova era geológica, em que somos “agentes geológicos”, e seus impactos ecossistêmicos; o neo-extrativismo mineral na América Latina, especialmente, em Minas Gerais – Brasil; revelam a presença da ação humana na tensão dialética de destruição e salvação. A Bioética Crítica Latino-americana apresenta-se com fundamentação teórica capaz de descrever, analisar e prescrever ações de prevenção, defesa e promoção da Vida. Em diálogo com essa Escola da Bioética o pensamento crítico de Arturo Escobar, reconhece a necessidade de deslocamento epistêmico de saída da modernidade e do antropocentrismo nas resistências aos conflitos da região. Para compreender esse movimento, buscamos as raízes da modernidade e as suas repercussões nas ações da pessoa humana. A complexidade da crise emana a urgência de novo *ethos* humano, que realize uma “migração civilizatória”. Para isso, destacam-se três caminhos para a ação humana com primazia: da ontologia, da ética, da Metafísica do *Esse*. Após analisar convergências e diferenças dos referenciais pesquisados e apontar qualidades e riscos nos três caminhos, concluímos que a Metafísica do *Esse* não é anacronismo, mas fonte originária de orientação para a ação humana.

Palavras-chave: Metafísica. Ação humana. Modernidade. Bioética. Pessoa humana.

INTRODUÇÃO

Os tempos contemporâneos são paradoxais. Se por um lado, desenvolvemos arrojadas tecnologias, melhoramos nossa capacidade de comunicação e dispomos de recursos inimagináveis; por outro, como mostra Boff, “o sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por sérios analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização” (BOFF, 2013, p. 18). Assim, ainda segundo o mesmo autor, “inegavelmente vivemos uma crise dos fundamentos que sustentam nossa forma de habitar e organizar o planeta Terra e de tratar os bens e serviços da natureza” (BOFF, 2017, p. 213). Os cientistas indicam que vivemos em nova era geológica, sucessora do Holoceno, e a nomeiam e determinam o seu início. Crutzen & Stoermer (2000) a chamaram de Antropoceno, com início no século XVIII; Patel & Moore anteciparam o seu início para o século XV e a denominaram de Capitaloceno; por sua vez, ao destacar o extrativismo mineral colonial das Américas, Aráoz (2022) optou por chamá-la de Mineraloceno. Assim, a Humanidade, a Terra e os Ecossistemas atravessam um cenário

1 Graduação em Engenharia e Psicologia. Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq/PUCPR: Bioética, Saúde Pública Global e Direitos Humanos. renatodamascenonetto@gmail.com

2 Doutor em Bioética. Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR. caixadothiago@gmail.com

universal de questões geopolíticas, que produzem vulnerabilidades e aumentam o risco das falhas. Por conseguinte, encontramos-nos em um mundo frágil e de transformações, no qual somos, segundo Chakrabarty (2009) “agentes geológicos”, e para enfrentar a crise é necessária uma “migração civilizatória” (LANDER, 2017, ARÁOZ, 2015, ESCOBAR, (2017).

No Brasil, em Minas Gerais, o neo-extrativismo da mineração é denunciado por Laschefki (2021), que compara as estruturas dos sistemas ambientais tanto governamentais quanto empresariais com o coronelismo da República Velha (1889-1930). Para o autor, a almejada justiça ambiental fica comprometida, pois ela desafia uma visão hegemônica de desenvolvimento e crescimento econômico. Por sua vez, Zhouri (2019) adverte que os efeitos dos crimes corporativos socioambientais vão muito além do momento agudo da sua ocorrência e são frutos de processos políticos, institucionais e econômicos. Para a antropóloga, as legislações afrouxadas, os controles desconstruídos e a submissão às premissas do lucro têm aumentado os crimes corporativos socioambientais e diminuído o intervalo de tempo entre eles³.

Neste contexto de crise, em que emerge a pergunta “o que deu errado? (ROITMAN, 2016)” e a ação humana é interpelada a tomar decisões, apresenta-se a Bioética, que surgiu em 1970, quando Potter (2016), ao reconhecer a necessidade da incorporação da ética às pesquisas científicas, estabeleceu o neologismo “Bioética”, cujo objeto é a prevenção, a defesa e a promoção da vida humana, não humana e da Terra. Contudo, em razão da amplitude desta área de conhecimento, em que *o ser humano* é agente e/ou paciente moral, ela se desdobrou em “Bioéticas”, com fundamentações teóricas robustas capazes de descrever, analisar e prescrever ações interventivas para situações de conflitos éticos e morais. A partir de 1990, a Bioética chegou à América Latina e em sua inculturação, por estar intimamente relacionada com as questões políticas da região, se desdobrou em várias Escolas, entre as quais se destaca a Bioética Crítica Latino-americana (LORENZO, 2012; CUNHA, 2014; CUNHA & LORENZO, 2014). Em diálogo com esta Escola da Bioética, o Pensamento Crítico Latino-americano (PCL), por meio de Escobar (2017), oferece contribuições profundas para os movimentos de resistências, ao reconhecer a necessidade de fazer um giro de saída da modernidade; renovar as suas categorias epistemológicas; vencer o eclipse dos saberes e conhecimentos das comunidades, sustentados na autonomia, na comunidade, na territorialidade; e sintonizar com as dinâmicas da Terra. Desta forma, o autor afirma ser imprescindível: revitalizar o “pensamento da esquerda”; agregá-lo com o “pensamento de/ou de baixo”; e enlaçá-lo com a vertente do “pensamento da Terra”. O antropólogo colombiano destaca que “o humano “pós-humano”, aquele “humano” que emerge do final do antropocentrismo terá que aprender de novo a existir como ser vivo em comunidades de humanos e não-humanos no único mundo que verdadeiramente compartilhamos que é o planeta” (ESCOBAR, 2017, p. 65-66. Assim, abrem-se os caminhos à reflexão filosófica para encontrar as raízes da modernidade, compreender o antropocentrismo e a pessoa humana.

3 Desastres da mineração em Minas Gerais: Fernandinho-1986, Rio Verde-2001, Rio Pomba-2007, Herculano-2014, Mariana-2015, Brumadinho-2019. (ZHOURI, 2019)

2 COMPREENSÃO DA PESSOA HUMANA E AS RAÍZES DA MODERNIDADE

O filósofo Lima Vaz (2020) destaca as categorias constitutivas do ser humano: categorias estruturais do *corpo próprio*, do *psiquismo* e do *espírito*; categorias relacionais da *objetividade*, da *intersubjetividade* e da *transcendência* e categorias de unidade da *realização* e da *pessoa*. O autor afirma que cada categoria deve ser compreendida por si só. Entretanto, ela não se esgota em si mesma, pois, segundo o filósofo mineiro, uma categoria é *suprassumida* por outra, ao se desejar “níveis sempre mais profundos de integração da unidade do sujeito, até que se atinja o nível primeiro da essência ou do sujeito como unidade ou como pessoa” (LIMA VAZ, 2020, p. 142). Para o filósofo a passagem do *dado* à *expressão* se dá por meio dos *atos humanos*, no fazer pelo trabalho, no agir (práxis) ético-político e pela orientação do contemplar, em busca do sentido da vida. Assim, continua o autor, “ao termo da demonstração que estabeleceu a unidade estrutural do homem coroada pela categoria do espírito, a vida *segundo o espírito* manifesta-se como a vida propriamente humana” (VAZ, 2020, p. 203). Desta forma, a categoria do *espírito* possui na inteligência (razão) e na liberdade (vontade) duas ressonâncias da Verdade e do Bem, essências do Espírito Absoluto.

Por sua vez, em *Raízes da Modernidade*, o filósofo mineiro assevera que foi no século XIII que “fez-se presente a primeira e mais rigorosa forma de um pensamento da *existência*, na metafísica do *Esse* (existir) de Tomás de Aquino. Foi nos sulcos teóricos abertos por essa metafísica que começaram a abrolhar as primeiras raízes da modernidade” (VAZ, 2002, p. 73). O primeiro ponto de origem, continua o autor, se localiza no século XIII, com as confluências dos pensamentos neoplatônicos, a assimilação de correntes aristotélicas e a influência bíblico-cristã com ponto de chegada na Metafísica do *Esse*; daí instaura-se nova origem em decorrência das rejeições a essa Metafísica e nova chegada no século XVII, com a Metafísica da subjetividade. Quanto à fenomenologia da modernidade, diz Lima Vaz, “assistimos ao irresistível e irreversível processo de modalização do tempo centrado no privilégio do *presente*” (VAZ, 2002, p.14). Assim, o incompreendido passado é um peso inerte da tradição e o rejeitado futuro é um indecifrável enigma, com repercussões que se manifestam na *objetividade* pela prevalência da razão técnica; na *intersubjetividade* pela autonomia; na *Transcendência* pela autotranscendência. Em relação à axiologia da modernidade, o autor aponta o paradigma hermenêutico clássico da *ruptura*, demarcado por uma *linha de ruptura*, que separa o novo do antigo. Metodologicamente, o filósofo percorre dois caminhos (Quadro 1) da Metafísica do *Esse*, que para Tomás de Aquino coexistem: o primeiro de forma ascendente; e o segundo descendente. Lima Vaz indica que em cada tópico “procuraremos mostrar o aparecimento de uma primeira raiz daqueles que serão os grandes temas e problemas da modernidade” (VAZ, 2002, p. 93).

Quadro 1 – Caminhos da Metafísica

ASCENDENTE (Do simples ao complexo)		DESCENDENTE (Do complexo ao simples)	
Metafísica do <i>esse</i> na esfera do <i>Esse absoluto</i>		Metafísica do <i>esse</i> na esfera do <i>ente</i> relativo	
TÓPICO	RAIZ DA MODERNIDADE	TÓPICO	RAIZ DA MODERNIDADE
Esse absoluto e esse relativo	Prescindir de um Esse absoluto Surge diversas racionalidades Prevalência da razão operacional	O problema da criação	Filosofia racionalista e do correspondente modelo mecanicista na ciência.
Ideia e Existência	Surgimento do paradigma fundamental da modernidade <i>metafísica da subjetividade</i>	Essência e Existência	Autonomia e sentido em si mesmo – antropocentrismo – identidade do homem moderno
Transcendência e Transcendental	Sujeito transcendental moderno	Ser e Participação	Substituição da metafísica pela racionalidade matemática Especializações – Fragmentações Racionalidades sem vetor resultante (incapacidade de valorar - econômico)
A Liberdade e o Absoluto	Metafísica da liberdade - antropocentrismo	Ordem e Finalidade	Negação da ordem e finalidade O abismo do mal

Fonte: Elaboração dos autores

Assim, o autor assinala que a partir de Robert Kilwardby (1215-1279) e Duns Scot (1308), em contraposição ao pensamento de Tomás de Aquino de coexistência dos dois caminhos (fé e razão), há uma inversão da participação vertical que cede lugar para a participação horizontal. Desta forma, o filósofo mineiro adverte que “essa iniciativa teórica, inocente na aparência, teve, na verdade, as mais profundas consequências na evolução que deveria conduzir aos tempos modernos” (VAZ, 2002, p.188).

Referindo-se à modernidade, o autor conclui que suas raízes foram lançadas em terrenos mais profundos que “[...] o da simples descrição fenomenológica, ou mesmo o de uma hermenêutica axiológica. Essas raízes, acreditamos, são raízes metafísicas” (VAZ, 2002, p.220). Por fim, o autor apresenta que a metafísica moderna da *subjetividade* transformou o “*ser dado*” em “*ser interpretado*”, passando de uma “realidade *natural* à condição de objeto” e afirma que “o objeto não se contempla, mas se utiliza. Eis aí a enorme novidade que caracteriza o *ethos* cultural da modernidade (VAZ, 2002, p. 217-218)”.

Assim, após as reflexões filosóficas e diante da complexidade e da urgência de soluções para a crise contemporânea conforma-se a premência da construção de novo *ethos* humano, que possibilite uma virada civilizatória.

3 NOVO *ETHOS*⁴ HUMANO

Ao delinear um novo *ethos* humano, Boff prescreve “uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica” (BOFF, 2013, p. 31) e afirma “Não *temos* cuidado. *Somos* cuidado (BOFF, 2013, p. 100). Desta forma, o autor qualifica o Cuidado e a Ação de Cuidar como o Amor e o Ato de Amar, e destaca como atributos do Cuidado: o amor como fenômeno relacional; a regra de ouro da justa medida; a

4 *Ethos* – Em grego significa a toca do animal ou a casa humana; conjunto de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano para que seja realmente humano no sentido de ser consciente, livre e responsável; o *ethos* constrói pessoal e socialmente o habitat humano. (BOFF, 2013, p. 232)

ternura vital; a carícia essencial; a cordialidade fundamental; a convivialidade necessária e a compaixão radical. Diz o autor que, através do Cuidado, as dimensões do Céu (transcendência) e as dimensões da Terra (imanência) buscam o seu equilíbrio e coexistência. Libanio cita Leonardo Boff e reafirma que “Entre a pura imanência e a Transcendência alienante, existe a transparência. L. Boff desenvolveu de longa data tal temática e a tem retomado com frequência. Na imanência, e não fora dela, transparece a Transcendência” (LIBANIO, 2008, p. 232).

O filósofo espanhol Cabada Castro encontra, no amor, a raiz que sustenta todo processo humano. A partir de uma análise multidisciplinar, ele coordena os dados analíticos das experiências psicológicas, antropológicas e etológicas com a reflexão filosófica. Ele destaca na obra filosófica de E. Lévinas um significado profundo, e aponta as diferenças de origem da ação amorosa nos pensamentos de Santo Agostinho e do filósofo franco-judaico e, por consequência, as primazias da metafísica e da ética, respectivamente (cf. CASTRO, 1998, p. 391-392). Ao concluir o seu discurso sobre o amor, Cabada Castro diz: “Se é verdade, além do mais, que – segundo o refrão – “amor são atos e não boas intenções, deixemos agora estas e vamos àqueles. Pois, definitivamente o que importa é – ao estilo do dito agostiniano – “guardar o amor” (CASTRO, 1998, p. 413).

Por sua vez, os escritos do Papa Francisco, se por um lado não são elaborações que seguem os rigores científicos, por outro, são inegáveis a lucidez e a contemporaneidade de seus pensamentos. O líder religioso, sem abandonar suas convicções de fé cristã, traz luzes, de maneira singular e clara, que iluminam a todos que se dedicam a fazer o bem para a humanidade. Na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco indicou o modelo do poliedro para as ações das comunidades (EG 236). Mais tarde, na *Encíclica Fratelli Tutti*, o pontífice retoma o modelo, aprofunda o seu pensamento e enfatiza “[...]. Como precisa a nossa família humana de aprender a viver conjuntamente em harmonia e paz, sem necessidade de sermos todos iguais!” (FT 100). Assim, o Papa Francisco conclama a humanidade à fraternidade e à amizade social, e aponta caminhos de uma práxis sustentada em valores éticos e no amor fraterno. Recorrendo a São Tomás de Aquino, o Papa Francisco explana a dinâmica do amor que emerge “a partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro” (FT 88). Ao ressaltar a dimensão universal do amor e a sua exigência, o Papa Francisco elucida que “Enfim, o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal [...] o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença” (FT 95). Na *Encíclica Laudato Si'*, o Papa Francisco propõe uma Ecologia Integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais, uma vez que “tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial” (LS 137). Ao delinear a Ecologia Integral, o Papa destaca a necessidade de diálogo sobre o meio ambiente: nas políticas internacional, nacionais e locais; na transparência dos processos decisórios; na política e economia para plenitude humana e destaca a importância do diálogo entre religiões e ciências.

4 CONVERGÊNCIAS E DIFERENÇAS EPISTEMOLÓGICAS DOS REFERENCIAIS TEÓRICOS

Os referenciais pesquisados possuem suas circunscrições epistemológicas e fundamentações teóricas. Em especial, a Bioética Crítica Latino-americana tem a origem de sua fundamentação teórica na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Entretanto, a escola europeia mostrou-se insuficiente para a realidade da América Latina. Destarte, esta Escola da Bioética tem buscado incorporar no seu *corpus* teórico os estudos sobre o Mineraloceno e os Estudos de Colonialidade, que denunciam e rejeitam as visões do universalismo dominador eurocêntrico de supremacia étnica e racista, buscam o reconhecimento da diversidade de etnias, raças e gênero, bem como o resgate de corpos e territórios subalternizados dos povos originários e das comunidades afrodescendentes. Nesses aspectos, há muitas convergências entre os referenciais críticos, principalmente, com os pensamentos do Papa Francisco, que conclama a humanidade ao diálogo, à comunhão fraterna, à unidade nas diversidades (modelo do poliedro), à construção de um mundo aberto em favor dos pobres, excluídos e descartáveis em contraposição a um mundo fechado, injusto e desigual.

Ademais, é relevante ressaltar que a rejeição da Metafísica do *Esse* de Tomás de Aquino, de contexto eurocêntrico com perspectivas filosóficas bíblico-cristãs, propiciou o desenvolvimento ontoteológico, que esteve presente em processos político-religiosos de conquista e dominação com expropriação de corpos e territórios na colonização das Américas. Assim, em razão de sua origem e de suas fontes, a Metafísica tomásica está em contraposição com os estudos críticos latino-americanos-americanos. Contudo, poderíamos pensar que há uma aproximação entre estes referenciais, pois, ambos, de alguma forma, se relacionam com os efeitos devastadores da colonização? A resposta à pergunta demanda aprofundar nas pesquisas das relações entre a Metafísica do *Esse* e a sua rejeição com a ontoteologia vigente na colonização.

Todavia, a diferença entre os referenciais pesquisados se encontra na fonte de orientação da ação humana. Enquanto para os referenciais críticos ela se encontra na primazia da ética, para os outros ela se encontra na primazia do Amor (Ágape). Para estes, inclusive na Metafísica do *Esse*, o Amor é categoria não universalista, mas universal, não é autopoiético, é gratuitamente doado e se acolhido precede e conforma a ética na ação humana. Entretanto, todos os referenciais convergem quanto à manifestação do acolhimento à pluralidade de etnias/raças/culturas, a resistência aos estados de vulneração e a defesa dos corpos vulnerados, que se encontram feridos, estigmatizados e excluídos. Portanto, pensamos que os referenciais pesquisados não são excludentes, pelo contrário, são complementares. Desta forma, por que **não considerar a Metafísica do *Esse* a Metafísica do Amor (Ágape)**, na realidade da América Latina como ampliação das perspectivas críticas para a ação humana?

CONCLUSÃO

O contexto contemporâneo é altamente complexo e grave, pois a ação humana, em tensão dialética entre destruição e salvação, trouxe-nos a impactos geográficos, sociais e ambientais globais e locais. Neste momento, é consenso entre vários cientistas a urgência de uma

virada civilizatória e a necessidade de construir novo *ethos* humano. Para isso, três caminhos se apresentam como de fonte de orientação da ação humana. Cada um com qualidades e riscos.

O primeiro caminho tem a primazia da ontologia e apresenta-se como natural, pois é o que vivenciamos na atualidade. Sua imaginável qualidade é que ele poderá nos aproximar daquilo que somos: vida humana irmanada com a vida não humana e a Terra. Contudo, apresentam-se os riscos das especializações e fragmentações, da multiplicidade de racionalidades sem um vetor resultante. Assim, desprezam-se os valores éticos e morais, e o valor econômico tem a prevalência. O segundo caminho tem a primazia da ética na ação humana orientada pelo paradigma das virtudes e não pelo paradigma dos deveres. Todavia, corre-se o risco da adjetivação da palavra ‘ética’, com o surgimento de diversas ênfases, tais como “economia ética”, “finanças éticas”, “responsabilidades éticas”, “negócios éticos” e muitas outras. O terceiro caminho tem a primazia da Metafísica do *Esse* de Tomás de Aquino com ápice na Escatologia. Portanto, é uma questão de fé. No entanto, corre-se o risco de desvirtuamento em proselitismos com exclusão e dominação se os argumentos usados exigirem que o outro creia no que se crê. Desta forma, após analisar as convergências e diferenças epistemológicas dos referenciais pesquisados e apontar qualidades e riscos nos três caminhos, concluímos que a Metafísica do *Esse* não é anacronismo, mas fonte originária de orientação para ação humana.

REFERÊNCIAS

- ARÁOZ, H. M. Ecología Política de los regímenes extractivistas. De reconfiguraciones imperiales y re-existencias decoloniales en nuestra América. *Bajo el Volcán*, vol. 15, núm. 23, septiembre-febrero, 2015, pp. 11-51. 2015.
- ARÁOZ, H. M. La Naturaleza America(na), *habitus* conquistual y los orígenes del “Antropoceno”. Sobre los impactos geológicos y antropológicos del extractivismo. *DIE ERDE, Journal of the GEographical Society of Berlin* (3): 162-17. 2022.
- BOFF, L. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013
- BOFF, L. O desafio ecológico à luz da *Laudato Si’* do Papa Francisco e da COP21 de Paris. In: *Ecologia Política Latinoamericana: Pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémico*. Orgs: Héctor Alimonda, Catalina Toro Pérez y Facundu Martín. Volumen: 1. Buenos Aires: AR. GLACSO: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais. 2017. p. 213-230.
- CABADA CASTRO, M. *A Vigência do Amor: Afetividade, Humanização e Religiosidade*. Tradução: J. Thomaz Filho. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- CHAKRABARTY, D. *O clima da história: quatro teses*. Critical Inquiry, 35. 2009. Disponível em: <https://www.culturaebarbarie.org/sopro/n91s.pdf>. Acesso em: set.2022.
- CUNHA, T. R. *Bioética Crítica, Saúde Global e a Agenda do Desenvolvimento*. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Bioética pelo Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília. Brasília: DF. 2014.
- CUNHA, T. R.; LORENZO, C. F. G. Bioética global na perspectiva da bioética crítica. *Rev. Bioét.* (Impr.). 2014; 22 (1): 116-25.

CRUTZEN, P. J; STOERMER, E. F. The Anthropocene. 2000. *Glob. Chang. Newsl.* 41: 17–18.

ESCOBAR, A. Desde abajo, por la izquierda, y con la Tierra: la diferencia de Abya Yala/Afro/Latino/América. In: *Ecología Política Latinoamericana: Pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémico*. Orgs: Héctor Alimonda, Catalina Toro Pérez y Facundo Martín. Volumen: 1. Buenos Aires: AR. GLACSO: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais. 2017. p. 51- 67.

LANDER, E. Neoextrativismo: debates y conflictos em los países con gobiernos progresistas em suramérica. In: *Ecología Política Latinoamericana: Pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémico*. Coordinadores: Héctor Alimonda, catalina Toro Pérez e Facundo Martin. Volume II. 2017. pgs. 79-92.

LASCHEFSKI, K. A. O extrativismo 4.0 e o “regime ambiental coronelista”: A articulação de sistema ambientais brasileiros com esquemas de governança *multistakeholder* global. *AMBIENTES*. Volume 3, Número 2, 2021, PP. 107-161. 2021.

LIBANIO, J. B. *Em busca da lucidez: o fiel da balança*. São Paulo, SP: Edições Loyola. 2008.

LIMA VAZ, H. C. de. *Raízes da Modernidade*. São Paulo, SP: Edições Loyola. 2002.

LIMA VAZ, H. C. de. *Antropologia Filosófica*. São Paulo, SP: Edições Loyola. 2020.

LORENZO, C. F. G. *Teoria crítica e bioética*. Um exercício de fundamentação. In: Porto D, Garrafa V, Martins GZ, Barbosa SN. *Bioética, poderes e injustiças: 10 anos depois*. Brasília: CFM/Cátedra UNESCO de Bioética/ SBB, 2012: 173-189

PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii gaudium*. Vaticano: Libreria Editrice vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 03 ago. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 03 ago. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Vaticano: Libreria Editrice vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-Francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 03 ago. 2022.

PATEL, R; MOORE, J. W. *Natureza Barata: Uma história do mundo em sete coisas baratas*. Disponível em: <https://jasonwmoore.com/wp-content/uploads/2021/04/Patel-Moore-Natureza-barata-capitulo-1-Uma-historia-do-mundo-em-sete-coisas-baratas-2020.pdf>. Acesso em: set. 2022.

POTTER, V. R. *Bioética: ponte para o futuro*. Tradução: Diego Carlos Zanella. São Paulo, SP. Edições Loyola, 2016.

ROITMAN, J. (2016). *Crisis: Janet Roitman*. Disponível em: <https://www.politicalconcepts.org/roitman-crisis>. Acesso em: set. 2022.

ZHOURI, A. *Desregulação Ambiental e Desastres da Mineração no Brasil: uma perspectiva da Ecologia Política*. In: Dossiê dos Desastres e Crimes da Mineração em Barcarena: Análise crítica de políticas e práticas empresariais da mineração no Pará, Maranhão e Minas Gerais, desregulamentação, violação de direitos e crimes socioambientais. Org: Edna Castro Eunápio do Carmo. NAEA Editora. Belém: PA. 2019.